

A cultura digital na formação de professores

*Joseilda Sampaio de Souza**

*Maria Helena Silveira Bonilla***

Resumo

O artigo apresenta reflexões sobre o processo de formação de professores no contexto da cultura digital. Os resultados apresentados nesse texto são oriundos da pesquisa de mestrado em Educação - "Cultura digital e formação de professores: articulação entre os Projetos Irecê e Tabuleiro Digital", realizada com professores cursistas do curso de Pedagogia oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia aos professores da rede municipal de Irecê-Ba. A investigação qualitativa e a etnopesquisa formação foram adotados enquanto percurso metodológico, sendo que a análise documental, a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas constituíram-se nos subsídios necessários para o desenvolvimento da pesquisa. Neste texto, trazemos para reflexão e análise as ações desenvolvidas pelo curso de pedagogia, apresentando e discutindo sobre o movimento de vivência da cultura digital, colocando em questão a possibilidade de se integrar tal cultura aos processos formativos de professores, no sentido de provocar transformações significativas em nossas concepções e práticas, nas instituições e na sociedade, buscando sempre a formação de sujeitos críticos, autônomos, atuantes, autores de conhecimento e cultura.

Palavras-chaves: cultura digital; formação de professores; currículo

* Doutoranda e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia e membro do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias – GEC. E-mail: joseilda@ufba.br

** Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia e líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Comunicação e Tecnologias – GEC. E-mail: bonilla@ufba.br

The digital culture in teacher formation

Abstract

This paper presents an analysis on the teacher formation process in the context of digital culture. The results come from the master's degree research in Education in-titled: "Digital culture and teacher formation: articulation between the Irecê and Tabuleiro Digital Projects". It was conducted with teachers students of the Pedagogy course offered by the College of Education of the Federal University of Bahia to the teachers of the municipal network of Irecê, Bahia. The qualitative investigation and ethno-research formation were adopted as the methodological path. The documental analysis, participant observation and the use of semi-structured interviews constituted a necessary support for the development of the research. In this paper, we bring the actions developed by the Pedagogy course as an object of investigation and analysis. For such, we raise the discussion about the digital culture movement, highlighting the issue about the possibility of integrating such culture to teachers' formation processes, with the objective of promoting significant changes in our conceptions and practices, in the institutions and in the society, always aiming at the formation of critical, autonomous, active individuals, who are knowledge and culture producers.

Keywords: Digital culture; teachers formation, curriculum

La cultura digital en la formación de profesores

Resumen

El artículo presenta reflexiones sobre el proceso de formación de profesores en el contexto de la cultura digital. Los resultados de este trabajo son oriundos de una investigación de Maestría en Educación - "Cultura digital y formación de profesores: articulación entre los Proyectos Irecê y Tabulero Digital", realizado con profesores cursistas del curso de Pedagogía ofertado por la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Bahia a los profesores de la red municipal de Irecê-Ba. La investigación cualitativa y la etnopesquisa formación fueron adoptados como una ruta metodológica y la análisis de documentos, la observación participante y las entrevistas semi-estructuradas se constituyeron como apoyo necesario para el desarrollo de la investigación. En este trabajo, traemos para reflexión y análisis las acciones desarrolladas por el curso de Pedagogía, presentando y discutiendo sobre el movimiento de vivencia de la cultura digital, cuestionando la posibilidad de integrarse esa cultura a los procesos formativos de profesores, en el sentido de provocar transformaciones significativas en nuestras concepciones y prácticas, en las instituciones y en la sociedad, buscando siempre la formación de sujetos críticos, autónomos, actantes, autores de conocimiento y cultura.

Palabras clave: cultura digital, formación de profesores, currículo

Com a popularização das tecnologias digitais, vivenciamos uma inédita relação entre a quantidade, a velocidade e o modo como as informações passam a ser criadas e difundidas, oportunizando inúmeras transformações comunicacionais, sociais e culturais, o que potencializa a emergência de novas formas de pensar, sentir, agir e conviver. A presença dessas tecnologias no cotidiano das pessoas tem sido um fator de modificação e criação de novos hábitos. Laraia (2001) destaca que os hábitos, muito mais que os aspectos biológicos ou os ambientes naturais, definem a cultura dos grupos sociais. Portanto, a cultura, segundo Santaella (2003) e Laraia (2001), é apreendida, possibilita a adaptação humana ao seu ambiente social, tem caráter variável e se manifesta em instituições, padrões de comportamentos, de agrupamento social, organização política, e ações.

O que se destaca, contemporaneamente, com a presença das tecnologias da informação e comunicação – TIC, ou tecnologias digitais, é a possibilidade de diferentes cruzamentos culturais, em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial, o local e o global se modificam, se adaptam e se mesclam em contextos híbridos e voláteis. O contato entre as diferentes culturas provocam transformações no seio de cada manifestação cultural, o que leva ao embaçamento das fronteiras rígidas que as delimitam e torna-as dinâmicas, vivas, em fluxo.

No contexto das tecnologias digitais, as diversas culturas passam a circular de modo cada vez mais intenso nas várias redes, gerando deslocamentos, novas concepções e representações culturais. Lemos e Lévy (2010, p. 74) afirmam que “toda desterritorialização pede novas territorializações”, enquanto Deleuze e Guatarri (1995) destacam que ter acesso a essa mistura cultural “pode oferecer outras visões sobre determinado contexto local, pois a desterritorialização só se atualiza com novas territorializações em que o contexto local é também ressignificado”. Nesse processo, segundo Castells (1999), a comunicação tem papel fundamental, pois só percebemos a realidade através de nossas linguagens, que são nossas mídias, que por sua vez, são nossas metáforas. E são as metáforas que criam o conteúdo de nossa cultura. Portanto, como

a cultura é mediada e determinada pela comunicação, as próprias culturas, isto é, nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo. (CASTELLS, 1999, p. 354)

Ao falarmos, hoje, em cultura digital, a percebemos como um campo emergente, fortemente articulado com o uso e as vivências em torno das tecnologias digitais, que se popularizaram nas últimas duas décadas. Para Silveira (2009), a cultura digital significa uma mudança de era, e,

como toda mudança, seu sentido está em disputa, sua aparência caótica não pode esconder seu sistema, mas seus processos, cada vez mais auto-organizados e emergentes, horizontais, formados como descontinuidades articuladas, podem ser assumidos pelas comunidades locais, em seu caminho de virtualização, para ampliar sua fala, seus costumes e seus interesses. A cultura digital é a cultura da contemporaneidade. (SILVEIRA, 2009, s/p)

Portanto, essa cultura não se limita apenas ao uso de novos equipamentos e produtos. Implica processos de experiências, de vivências, de produção, de socialização, e portanto, adquire um perfil cada vez mais multi-dimensional e não-linear. No contexto da cultura digital, potencialmente, todos podem comunicar, produzir, criar, publicar, comercializar, consumir e participar. E inventar, partilhar, construir, comunicar implica, fundamentalmente, imersão curiosa do interagente no cenário das redes tecnológicas que estão presentes no nosso cotidiano. Implica ainda a percepção dos novos desafios que se colocam aos sujeitos sociais, às instituições e aos governos para darem conta das incertezas, inquietações, dúvidas e questionamentos que emergem deste contexto em constante mutação. É neste sentido que, hoje, a maior parte das reflexões acerca da formação dos sujeitos gravita em torno das análises e das mudanças trazidas pela cultura digital, no que diz respeito à constituição das pessoas, à convivência entre elas e à criação coletiva de saberes diversos.

Há consenso sobre o fato de que foram os jovens que nasceram durante e após a década de 80 do século XX os que mais fácil e rapidamente se apropriaram das tecnologias digitais, de sua arquitetura hipertextual, dinâmica, fluída, em constante atualização, uma vez que a maioria deles nasceu e cresceu com elas a sua volta. Estes jovens não têm aceitado mais passivamente o que até então lhes era oferecido, recusando, dessa forma, práticas e espaços pedagógicos mais uniformes e rígidos, que não correspondem às suas necessidades e à especificidade de suas escolas e linguagens. Os adultos, por sua vez, só aos poucos foram adentrando nesta realidade e a ela se adequando para tentar dar conta das exigências geradas pelos novos tempos. No entanto, tal inserção, para a maioria deles, em especial para os professores, depende de processos formativos continuados, que ultrapassem a dimensão meramente operativa das máquinas digitais, e que lhes oportunizem a compreensão e a imersão nos ambientes em rede.

Como é função da escola, enquanto espaço instituído e privilegiado de formação das novas gerações, a responsabilidade pelas diferentes aprendizagens dos jovens, pela formação de cidadãos reflexivos, conhecedores da sua realidade e com capacidade para transformá-la, requer-se que oportunize a vivência dos novos espaços de comunicação e de produção de conhecimento e cultura. Portanto, os professores são os principais agentes da organização desses espaços e do desenvolvimento dos jovens, o que requer que também eles conheçam, compreendam e se articulem em torno da cultura digital, uma vez que o professor que dela estiver excluído poderá não ter condições de articular e argumentar questões do mundo virtual com seus jovens alunos, reduzindo assim a possibilidade de incorporar em suas práticas educativas as dinâmicas do ciberespaço.

Tal profissional, para atender às novas solicitações que este cenário demanda para o cumprimento do seu papel social, carece de processos de formação mais próximos da cultura digital, para vivenciar e refletir acerca dela, de modo que possa também se apropriar e compreender criticamente as questões que perpassam as transformações características deste momento histórico, com o intuito de melhor atuar para promover a inserção crítica dos seus alunos na vida social.

O objetivo deste texto é, portanto, refletir sobre o processo de formação de professores no contexto da cultura digital. Para tanto, apresentamos alguns resultados obtidos na pesquisa de mestrado em Educação, realizada com professores cursistas do curso de Pedagogia oferecido pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia aos professores da rede municipal de Irecê-Ba. A partir das propostas e ações desenvolvidas nesse curso, destacamos algumas vivências e aprendizagens proporcionadas aos professores cursistas, quando imersos na cultura digital.

O caminho metodológico adotado situa-se nas proposições da abordagem qualitativa, utilizando como natureza do estudo a etnopesquisa formação, que requer do pesquisador reflexões sobre seu processo formativo juntamente com os membros do grupo pesquisado. Segundo os autores Josso (2004) e Macedo (2006), a etnopesquisa formação possibilita uma experiência formadora que articula saber fazer, conhecimentos, funcionalidades e significados, técnicas e valores num espaço-tempo que oferece a cada um a oportunidade de uma presença para si e para a situação vivida/pesquisada. Nesta direção, tomamos como instrumentos para produção de informações e reflexão: a análise documental, através dos documentos formulados para a proposta de formação dos professores; a observação participante, realizada em duas escolas públicas municipais, e de entrevistas semi-estruturadas com dois professores-cursistas, uma diretora-cursista, coordenadores do curso, duas turmas de estudantes - alunos desses professores-cursistas e a secretária de educação.

O desafio da formação de professores para a vivência da cultura digital

As diferentes formas de pensar, de agir e de se comunicar, transformadas em hábitos corriqueiros com a chegada das tecnologias digitais, geraram o imperativo de se repensar o modelo tradicional de educação, ainda muito atuante na maioria de nossas escolas. Esta antiga prática pedagógica, que prioriza a aprendizagem padronizada, de ampla difusão e unidirecional, não tem se mostrado adequada à realidade presente na atualidade, vivenciada por nossos jovens estudantes, que têm acesso, cada vez

maior, à cultura digital e são capazes de, fora das escolas, em tempo real, se comunicar com diferentes pessoas, receber grande número de informações, se divertir, além de pensar sobre os acontecimentos mundiais, produzir e compartilhar informações e conhecimentos.

A demanda por superar as concepções desse antigo modelo de ensinar e aprender traz, como consequência direta e imediata, repensar a formação do profissional da educação, a fim de que este dê conta das exigências do novo contexto. Desde a implantação da LDB 9394/96, percebemos uma preocupação do poder público em responder a essas exigências. No entanto, temos visto, através de inúmeras pesquisas, que no cenário da formação dos professores, tanto inicial quanto continuada, poucas e incipientes têm sido as iniciativas que contribuem para a inserção das tecnologias digitais e das potencialidades da cultura digital nas práticas pedagógicas (GATTI; BARRETO, 2009). Normalmente, quando as tecnologias digitais aparecem nos cursos de formação de professores, são em disciplinas isoladas, que se limitam a desenvolver algumas competências operacionais e a possibilitar momentos esporádicos de contato com o computador.

No processo formativo dos professores, ao articular o uso das tecnologias digitais e as práticas pedagógicas, não é suficiente o desenvolvimento de cursos básicos de informática. Freitas (2009, p.70) afirma que não basta oferecer aos professores cursos desse tipo, uma vez que, somente capacitar o professor para conhecer as habilidades técnicas “não é suficiente se não há uma discussão maior sobre o que se altera na aprendizagem com o uso dessas tecnologias”. Aspectos como interatividade, produção colaborativa, aprendizagem compartilhada, precisam ser incorporados e discutidos ao longo de todo o percurso formativo.

Em outras palavras, podemos dizer que a participação ativa na cultura digital não acontece simplesmente com a instalação dos computadores nas escolas ou nos cursos de formação de professores, uma vez que o problema se encontra, exatamente, na forma como as tecnologias digitais são inseridas nestes espaços formadores. Muitas vezes, há destaque apenas para a capacitação operativa dos sujeitos. No entanto, quando articulamos a cultura

digital aos percursos formativos, sejam eles nas escolas, com nossos jovens, ou na formação inicial e continuada dos professores, as questões mais relevantes passam a ser a imersão nos ambientes em rede, a compreensão do contexto sociotécnico em que estamos inseridos e a produção colaborativa de conhecimentos, ganhando destaque os processos comunicativos e a partilha de ideias.

Na cultura digital, a comunicação se dá de forma instantânea e automática. As informações são trocadas em alta velocidade. E os jovens têm uma enorme facilidade de compreender essas dinâmicas e de participar delas. Para eles, o mundo digital é lúdico e atraente, estabelecem relações com os amigos, em/com outros cenários formativos, que vão além da escola e da família, se informam acerca de diferentes assuntos, analisam, sintetizam, avaliam essas informações, produzem, acessam e remixam conteúdos (TAPSCOTT, 1999). Muitos professores não percebem essas características, suas potencialidades, nem mesmo conhecem os espaços que têm integrado seus alunos.

Concordamos com Belloni (2008, p.100), quando destaca a necessidade de uma qualificação de professores atualizada, que torne possível a valorização dos saberes do aluno e a apropriação crítica e criativa das tecnologias da informação e comunicação disponíveis na sociedade. Enquanto professores, precisamos entender que o computador não é igual ao livro e que a internet é ainda mais fascinante e dinâmica que a telinha da TV. Cada uma das tecnologias possui suas especificidades, que precisam ser conhecidas, exploradas e apropriadas, também pelos professores. E a melhor maneira de alcançar tal intento é considerar os modos como os próprios jovens apreendem as dinâmicas proporcionadas por essas tecnologias e as integram ao seu cotidiano, como eles as representam e de que maneira percebem suas relações com elas.

Destacamos que mais do que o acesso e o uso isolado das tecnologias digitais por esta ou aquela disciplina, como vem acontecendo na maioria das instituições de ensino, é necessário que exista, na proposta curricular desses cursos, direcionados aos educadores, a possibilidade de incorporar as questões relacionadas à cultura digital, vivenciando os diversos espaços que já fazem parte

do nosso cotidiano, tais como os *blogs*, as redes sociais, os sites de compartilhamento de vídeos *online*, os jogos *online*, ou seja, espaços plurais que, ao serem incorporados na educação, vão requerer do professor uma postura muito mais aberta, ativa e positiva.

Por isso, torna-se fundamental que os processos formativos sejam mais do que mera transferência de informação. O desafio maior está em levar os professores a compreenderem e desencadearem “processos colaborativos e permanentes de aprendizagens, ajudando os alunos a construir/desconstruir identidades” (SCHNELL; QUARTIERO, 2009, p.116), isto é, processos que lhes permitam fazer escolhas, repensar as relações estabelecidas, tanto no espaço escolar, como na sociedade. Podemos dizer que o desafio está em promover processos, onde, em princípio, todos podem produzir e receber informações de qualquer lugar, seja essa informação escrita, imagética ou sonora, possibilitando a produção e a difusão do conhecimento, assim como potencializando a inserção social, em rede, de todos os envolvidos.

O Projeto Irecê: possibilidade de ir além do currículo

Para a discussão da cultura digital na formação de professores, trouxemos a experiência do Curso de Pedagogia do Programa de Formação Continuada de Professores da Faced/Ufba, para os professores de Irecê, denominado como Projeto Irecê. O município de Irecê está localizado no sertão do estado da Bahia, numa distância de aproximadamente 500 quilômetros da capital baiana. O curso teve início com a proposta da Secretaria de Educação do município encaminhada formalmente à Faculdade de Educação da UFBA, em novembro de 2001. Na elaboração deste projeto formativo, a faculdade buscou atender às demandas sociais expressas nas políticas públicas atuais direcionadas para o campo da qualificação de professores.

No nosso entendimento, este curso oportunizou, em sua proposta de formação de professores em exercício, a vivência da cultura digital no decorrer de todo o percurso, de modo que cada um pudesse avançar nos processos formativos no âmbito pessoal e também no

âmbito profissional, possibilitando refletir sobre sua prática pedagógica.

A apropriação da cultura digital aconteceu na medida em que estes profissionais vivenciam experiências concretas com as tecnologias, ao se sentirem capazes de explorar aquilo que, a princípio, aparentava ser difícil apreender, e quando, verdadeiramente, começam a incorporar essa formação em suas práticas pedagógicas. O relato de um dos professores-cursistas, participante da pesquisa, nos esclarece acerca da importância da vivência da cultura digital para sua formação:

Eu percebo a importância de poder me aproximar da cultura digital para poder ter segurança em trazê-la para sala de aula. [...] Para que haja inclusão digital é preciso que a escola e o professor também trabalhem fortemente nesse processo de inclusão. (Professor-cursista1)

A partir do momento em que os professores cursistas experienciaram concretamente a cultura digital, passaram a perceber também a sua importância, não somente para seu processo educativo, mas, sobretudo, para capacitá-los em sua atuação na sala de aula com seus jovens alunos. A inserção da cultura digital também foi indispensável para estes professores poderem vivenciar movimentos coletivos, de trocas de conhecimento em rede, construindo saberes em parceria, rompendo assim com uma dimensão meramente instrumentalista e solitária da sua formação.

Perceber “a presença das tecnologias em seus avanços avassaladores, não apenas como instrumentalizadoras das práticas docentes, também como desafiadoras de novas posturas de reconstrução” (MARQUES, 2003, p.39), implica entender que as possibilidades pedagógicas da utilização das tecnologias digitais nas escolas deve estar inserida na “proposta curricular destes cursos superiores de formação inicial de professores, a fim de que os professores sejam capazes de incorporar as tecnologias às suas práticas” (SCHNELL, QUARTIERO, 2009, p.123), com vistas a contribuir com a produção de conhecimento e cultura das novas gerações.

Através do Projeto Irecê pudemos perceber que o percurso formativo não acontecia única e exclusivamente

dentro do espaço escolar; incluía, também, a integração com outros diferentes projetos, “articulando a educação, a comunicação, a saúde, o ambiente, a arquitetura e o urbanismo, entre tantas outras áreas” (FACED, 2003, p.5). A construção de tais projetos, visando à inter-relação entre eles, apresentou a intencionalidade de envolver o contexto socioeducativo do município de Irecê, tendo a formação dos professores como base e contemplando “a diversidade de perspectivas, a polifonia dos discursos e apropriação das tecnologias que estão a serviço do conhecimento contemporâneo” (FACED, 2003, p.8).

Duas dessas ações articuladas ao Projeto Irecê, com o objetivo de instalar espaços para a produção da cultura digital, aconteceu com a implementação dos projetos Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira e Tabuleiro Digital. Esses dois projetos – ambos constituídos com o apoio da Prefeitura Municipal de Irecê, tendo como parceiros, respectivamente, o Ministério da Cultura (MinC) e a Petrobrás – foram assumidos pela Faculdade de Educação, através do Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), como estruturantes das dinâmicas formativas, possibilitando ainda a integração das comunidades acadêmica e não acadêmica na cultura digital.

Com o projeto Tabuleiro Digital percebemos a possibilidade da população de Irecê, e especialmente dos estudantes das escolas, terem acesso às tecnologias da informação e comunicação, via um espaço com terminais de acesso público e livre a computadores. Além disso, esse projeto possibilitou ações no intuito de estimular a participação dos professores-cursistas – já formados ou em formação – para que desenvolvessem, naquele espaço, atividades diversificadas, de cunho didático ou não, para proporcionar a inserção dos seus jovens alunos no universo digital.

Com o projeto Ponto de Cultura Ciberparque Anísio Teixeira percebemos o desencadear de um movimento de comunicação entre os cursistas e a comunidade local, através de produção imagética, de vídeo e de rádio web; também através do constante apoio dos monitores do projeto aos professores formadores e aos professores-cursistas para lidar com as linguagens e a lógica digitais,

seja através de oficinas de edição de imagem, vídeo e áudio, seja através de suporte técnico, seja ainda através de apoio aos projetos desenvolvidos nas escolas.

A articulação do Projeto Irecê com o Tabuleiro Digital e o Ponto de Cultura, bem como as demais ações desenvolvidas ao longo do curso no âmbito da cultura digital, possibilitaram perceber que as TIC foram tomadas como fundamento do processo formativo. É perceptível, em todo o município, especialmente nas escolas, o fortalecimento e a vivência dessa cultura, uma relação mais próxima entre os sujeitos sociais e as tecnologias, bem como a construção de novos sentidos à formação de professores, e às próprias tecnologias, compreendidas agora como estruturantes dos processos sociais. Isso somente foi possível à medida que os professores-cursistas foram desenvolvendo atitudes favoráveis em relação ao “uso das tecnologias na educação, como elementos estruturantes de diferentes possibilidades de formação dos cidadãos do mundo contemporâneo, praticando o processo de ensino e aprendizagem voltada para a busca, análise e tratamento de informações” (FACED, 2003, p.19).

A presença das TIC na proposta de formação do Projeto Irecê oportunizou a incorporação de processos de aprendizagem horizontalizados e coletivos, assim como a participação efetiva de todos os professores em uma formação contínua e atualizada. Em virtude do seu funcionamento em rede, estas tecnologias inviabilizam a hierarquização e a verticalidade na aprendizagem e estimulam a produção permanente e coletiva de conhecimentos acerca da realidade atual.

Outro aspecto que fortaleceu a vivência da cultura digital nessa experiência formativa do Projeto Irecê foi a presença de dinâmicas em rede, característica primordial das tecnologias, as quais potencializaram a implementação de um currículo aberto, inovador e flexível, embasado em processos horizontais e coletivos, na hipertextualidade, na participação, na cooperação, na formação permanente e continuada e na incorporação das diferentes linguagens (FACED, 2003). A dimensão rede é entendida como possibilidade de “troca, de acesso a conteúdos em diversos formatos, prolongando o tempo das discussões, estreitando as fronteiras virtual/presen-

cial, provocando a continuidade e a potencialização de práticas pedagógicas” (BONILLA, PICANÇO, 2005, p.224). Portanto, nessa experiência formativa, a cultura digital não se aconteceu apenas para completar a carga horária de uma determinada disciplina, como é visto na maioria dos cursos de Pedagogia. Aqui, o destaque está num percurso formativo a partir de uma postura crítica, tentando acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo, com práticas educativas ativas e propositivas, pautadas em análises das mudanças sociopolíticas, culturais e educacionais ocorridas na sociedade e que estejam vinculadas às tecnologias da informação e comunicação.

A relação entre currículo e formação de professores é discutida aqui no sentido de que as tecnologias digitais devem ser incorporadas como elemento basilar da proposta curricular, em uma perspectiva que transcende os limites utilitaristas de usos e de acesso meramente operacional às máquinas, fomentando, principalmente, a possibilidade de se constituir cultura. Entendemos que, nessa concepção, o currículo das instituições formadoras pode servir como meio estratégico para a produção coletiva do conhecimento. Para que isso aconteça, é preciso cultivar esforços no intuito de promover a participação efetiva de cada sujeito envolvido nessa formação, oferecendo-lhe condições de atuar como protagonistas do seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional. Lima Júnior e Pretto (2006) apontam para uma concepção de currículo que, além de articulador das diversas disciplinas, seja também – como é o pensar coletivo – flexível, ágil, integrado, dinâmico, interativo, simultâneo e aberto às questões da contemporaneidade. Nessa perspectiva, o currículo pode ser entendido como uma rede de significados, capaz de responder à questão da mediação entre o indivíduo e a sociedade, atendendo às demandas da multiplicidade cultural e social, ou seja, um currículo pautado na lógica hipertextual. E foi essa lógica de currículo que encontramos na proposta do Projeto Irecê. Nele, há a possibilidade de se construir diferentes percursos de aprendizagens, tendo como fundamento a interação com outros autores do processo, com as diversas tecnologias digitais e com os mais diversos textos e contextos.

A organização curricular proposta possibilitou a cada professor-cursista realizar suas escolhas individuais, cur-

sando as diversas atividades com as quais se identifica, ou que são fundamentais para a sua formação, sempre acompanhados por um professor orientador, atendendo, assim, ao mesmo tempo, os interesses acadêmicos/pedagógicos do cursista e as normas da legislação em vigor. Notamos que essa dinâmica favoreceu a autonomia do professor-cursista, que passou a assumir a responsabilidade por sua formação, e a superação da perspectiva de um percurso único de formação para todos. No Projeto Irecê delineou-se trajetórias diversas, possibilitadas pela multiplicidade de saberes e pela necessária troca entre eles, a partir de contextos transversalizados e de demandas que podem exigir caminhos variados. Ou seja, o sentido da “abertura no currículo, anunciada na proposta curricular enfocada pelos princípios da flexibilidade e da autonomia” (SÁ, 2010, p. 44), é deixar as possibilidades de aprendizagens se concretizarem, dialogando com as diferentes áreas do conhecimento.

Para que essas possibilidades se tornassem concretas, em muitos momentos, via redes digitais, buscou-se garantir a convivência entre os diferentes contextos e atividades do curso, favorecendo novas formas de aprendizagens coletivas e interativas, que traziam consigo a multiplicidade e a pluralidade de espaços abertos para diversas conexões possíveis. À medida que se provocavam – em e na rede – problematizações, discussões e a socialização de diversas produções realizadas pelos professores-cursistas, através de espaços comuns a todos os sujeitos, notava-se a emergência da construção coletiva e colaborativa de novos saberes. Portanto, as tecnologias, aos poucos, foram se tornando fundamento da organização curricular desse projeto de formação de professores, uma vez que a rede potencializou o desenvolvimento de atividades presenciais integradas com as atividades não-presenciais.

No Projeto Irecê, a multiplicidade de dinâmicas estruturadas explorando o potencial da rede passou a existir em decorrência da proposição de práticas que buscou, do primeiro ao último momento do curso, discutir

[...] as relações das tecnologias com a sociedade – o papel das tecnologias na sociedade hoje; [promover] a chamada “inclusão digital” – a familiarização dos cursistas com as tecnologias,

a compreensão da lógica do digital, a inserção nos ambientes, a produção em rede, favorecendo o movimento dos professores no contexto digital, com desenvoltura e familiaridade, sem medo e ansiedade; e oportunizar a produção de conhecimento – com a produção em blog, em áudio, em vídeo, com as discussões em fóruns, e a comunicação na lista de discussão...(Coordenação de Tecnologia do Projeto Irecê)

Evidentemente, as ações realizadas durante os diversos momentos do curso interferiram positivamente na intensa aproximação de todos os sujeitos desse processo formativo com a cultura digital. Ao mesmo tempo, foi possível notar que havia uma preocupação com a aprendizagem e a familiaridade de cada professor-cursista com os recursos tecnológicos, pois se considerava importante que cada um deles apreendessem as dinâmicas dos ambientes digitais, já que tal aproximação influencia, de forma marcante, seu processo formativo na cultura digital.

De maneira geral, a participação nas atividades propostas pelo curso, que buscavam a imersão e a implicação na cultura digital, foi bastante valorizada pelos professores-cursistas, o que pôde ser claramente evidenciado a partir do depoimento de um deles, quando registrou que *“a tecnologia faz parte do cotidiano das pessoas, e nós não tínhamos essa dimensão desse contexto digital. Somente depois que a UFBA chegou a Irecê conseguimos tirar as vendas dos nossos olhos!”* (Professor-cursista2). A percepção da importância dessas vivências, em tão pouco tempo de curso, indicou que as ações viabilizadas pelo projeto, no que tange à apropriação das TIC, foram significativas para esses professores.

As estratégias adotadas para aproximar os cursistas da cultura digital apontavam para o desenvolvimento de atividades que integravam as tecnologias às demais situações de aprendizagem, de forma crítica e criativa, seja com a participação na lista de discussão – que favoreceu a comunicação, a troca de informações e o debate sobre temas de interesse de todos, além de estabelecer relações sociais e afetivas; seja com a construção de *blogs* individuais – nos quais cada professor-cursista socializava suas produções, estudos e descobertas, interagindo com seus pares através dos comentários; com o diálogo nos

fóruns do ambiente *Moodle* - nos quais se discutiam os temas de estudo e as práticas pedagógicas nas escolas da rede municipal; com a produção de vídeo e áudio – nos quais ganhavam outra configuração os conhecimentos construídos de forma colaborativa; com a elaboração dos projetos de inclusão digital – como forma de intervenção social, considerando a realidade socioeconômica e educacional de Irecê e de suas localidades; com a realização de práticas pedagógicas com a finalidade de aproximar os professores-cursistas e seus alunos na dinâmica do digital, tanto pelo uso do Projeto Tabuleiro Digital, quanto dos laboratórios das escolas; seja ainda com a construção do *site* do curso, produzido em um sistema livre de produção colaborativa – Twiki – que contou com a participação dos cursistas.

Avaliamos que, neste contexto formativo, as ações promovidas pelos educadores diretamente responsáveis pelas atividades de tecnologia – e as situações de aprendizagem por eles desencadeadas – incitaram os professores-cursistas a se tornarem (co)autores na construção de informação, conhecimento e cultura, em cenários de “descobertas de autoria, assumindo-se como nós de uma rede complexa e em constante movimento, utilizando-a como espaço de disponibilização de informações, de expressão de significados e de socialização de aprendizagens” (TEIXEIRA; CAMPOS, 2009, p. 28). Na nossa visão, tal estímulo foi garantido pela concepção de que a presença das tecnologias no curso não poderia se constituir a partir de ações pontuais; ao contrário, elas se destacaram pela continuidade ao longo de todo o curso, o que consideramos uma característica muito importante deste processo formativo, na medida em que entendemos que uma ou outra ação pontual, no universo informacional, não se traduz em uma aprendizagem realmente efetiva.

É necessário ressaltar ainda que nem todos percebem a importância dessa proposta que possibilita uma intensa exploração do contexto digital. Neste mesmo grupo de professores em formação, havia aqueles que optaram por se manter de fora da dinâmica proposta, participando das atividades que favoreciam a vivência na cultura digital apenas para responder a uma certa “pressão” dos formadores. Isso reverbera no fato de que esses mesmos professores, hoje, não trazem para o seu contexto de sala

de aula a dinâmica do digital. Por falta de uma conscientização e uma criticidade para perceberem a importância de buscar aproximar as tecnologias digitais de sua prática pedagógica, agora também excluem seus alunos da possibilidade de compreender e participar das dinâmicas sociotécnicas do contexto atual.

Em nossa análise, o que justifica esse afastamento e opção de se manter de fora das dinâmicas proporcionadas pelo curso é o fato de que esta é uma geração de profissionais que se constituiu entendendo que “o professor era o sábio, e deveria transmitir conhecimento aos alunos, que agradecidos, tinham que anotar as palavras do sábio e reproduzi-las em exames” (TAPSCOTT, 2010, p.160); também porque esta é uma geração que se constituiu num contexto de tecnologias analógicas, escassas, e que portanto o futurar, experimentar, descobrir como funcionava não fazia parte das práticas cotidianas dos jovens; portanto, frente a essas novas tecnologias, interativas, os professores sentem-se desconfortáveis, com medo de, ao operá-las, quebrá-las ou perder-se em seus caminhos labirínticos.

Logo, pode-se entender por que iniciativas que buscaram motivar e tornar estes formandos produtores de informações e de novos saberes a partir das TIC foram vistas por eles com estranhamento e insegurança, na medida em que tais empreendimentos exigiram deles a necessidade de romper com concepções e mecanismos de aprendizagem já instituídos. Também, é necessário considerar que muitos desses professores estão mais acostumados a “trabalhar com estruturas rígidas, com programas fechados que delineiam, a priori, ou pretendem delinear, tudo que está por vir” (BONILLA, PRETTO, 2007, p.78), do que com ambientes abertos, que fazem emergir o imprevisível, o inusitado, e que exigem do interagente a tomada de decisão a cada clique do mouse.

Para desenvolver mobilizações que favoreçam a construção da cultura digital no contexto de formação de professores, torna-se imprescindível, no planejamento e na execução das ações, a reflexão sobre os processos em andamento, a articulação entre a cultura local e a digital, a valorização dos saberes de cada um, o acompanhamento e apoio às inserções no contexto digital. O que

podemos afirmar é que esse processo não é tão simples quanto parece, nem tampouco pode acontecer em um curto espaço de tempo. Para assegurar a superação das dificuldades trazidas pelos professores-cursistas foi necessária a percepção, a compreensão e o respeito ao ritmo de aprendizagem de cada um desses sujeitos por parte dos formadores e colaboradores, o que demandou sensibilidade, conhecimento e criatividade na criação de situações dinâmicas, lúdicas e interativas que favorecessem a familiarização com os ambientes e as dinâmicas digitais.

Por outro lado, tornou-se fundamental também que os próprios professores em formação tivessem interesse e se responsabilizassem por sua aprendizagem, a fim de reconhecer a importância pessoal e profissional de vivenciar a cultura digital, lançando mão, inclusive, de estratégias que ajudassem sua imersão nesta cultura, como mostra os depoimentos de um deles:

[...] ficava esperando todo mundo acessar, para ver quais caminhos os outros usavam, como conseguiam fazer as coisas dentro dos ambientes, e só depois eu procurava seguir os mesmos passos. Hoje eu vejo que foi um crescimento muito grande, sofri muito para entender essa lógica do digital, mas sinto-me um privilegiado. (Professor-cursista2)

A identificação de estratégias como esta, adotada pelo professor em formação para efetivamente adentrar na cultura digital, tornou-se um dos pontos relevantes do trabalho de pesquisa, na medida em que nos permitiu analisar que as dificuldades enfrentadas para implementação do Projeto Irecê foram vividas não só pelos professores formadores – que estavam à frente dos trabalhos, tentando motivar os cursistas para experimentar e conhecer a realidade digital –, mas também pelos professores em formação – que buscavam compreender a funcionalidade de cada ambiente virtual e ressignificá-los a partir de seu cotidiano, principalmente, de sua prática pedagógica.

Podemos afirmar, através da nossa observação em campo que, no Projeto Irecê, foram dadas as condições para que os professores-cursistas se apropriassem da cultura digital, uma vez que aqueles que decidiram participar

ativamente na elaboração e consecução de ações na sua própria formação se tornaram não só atores, mas também e principalmente, autores de mudanças significativas no campo pessoal, assim como no contexto educativo das escolas onde atuam, e também em sua cidade.

Dessa forma, longe de apenas inserir as tecnologias nos espaços de formação, tornando-as assim meras coadjuvantes do processo, o grande diferencial desse projeto esteve no aproveitamento do potencial das tecnologias digitais para subsidiar a incorporação dos elementos da cultura digital na sociedade, tais como a flexibilidade, a interatividade, a interconexão, o compartilhamento, a produção de informação, conhecimento e cultura, em uma tentativa de buscar sempre estabelecer conexões múltiplas entre a teoria e a prática, o local e o global, o analógico e o digital, tornando as TIC objeto de estudo e elemento do cotidiano.

De modo geral, consideramos que com as tecnologias digitais temos a possibilidade de criar, inovar, produzir, socializar. Então, o que precisamos é investir na formação dos professores para que possam se apropriar dessas tecnologias, tanto para produções próprias, como para formar os alunos dentro desta mesma perspectiva. E, nessa perspectiva, compreendemos que as ações que foram propostas no Projeto Irecê, envolvendo as TIC, se tornaram elementos articuladores, desafiadores e propositivos para a educação de Irecê. Podemos destacar que os espaços abertos para proporcionar a vivência da cultura digital entre professores em formação interferiram, de maneira bastante significativa, também nas escolas e na sociedade ireceense. A presença das tecnologias digitais colaborou significativamente nas formas de comunicação, de interação e de aprendizagem dos sujeitos sociais. Outros sentidos foram construídos para as tecnologias digitais, abriram-se espaços para o compartilhamento de saberes entre os professores, saberes diversos sobre si mesmos, sobre os outros e o mundo; para a troca de experiências vividas nos mais diferentes contextos, entre colegas de trabalhos, entre professores e alunos, entre diferentes instituições. Por isso, concordamos com Peixoto (2009, p. 218), ao afirmar que é “possível estabelecer relações entre a presença das TIC no meio educacional e o estabelecimento de novas práticas. Mas essa relação

não acontece de forma linear e automática”, ela depende de dinâmicas formativas e também dos significados que são atribuídos às TIC.

Entendemos que as tecnologias não precisam ser integradas aos processos formativos apenas porque seu uso já está generalizado. De fato, o que se coloca em questão é a possibilidade de provocar transformações significativas em nossas concepções e práticas, nas instituições e na sociedade, buscando sempre a formação de sujeitos críticos, autônomos, atuantes, autores de conhecimento e cultura.

Referências

- BELLONI, Maria Luiza. Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. In: FANTIN, Mônica; GIRARDELLO, Gilka. (Orgs.). **Liga, roda, clica: estudos em mídia, cultura e infância**. Campinas: Papyrus, p. 99-112, 2008.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PICANÇO, Alessandra. Construindo Novas Educações. In.: PRETTO, Nelson De Luca (Org). **Tecnologias e novas educações**. Salvador : EDUFBA, p. 215-229, 2005.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca. Formação de professores: as TIC estruturando dinâmicas curriculares horizontais. In: Bohumila Araújo; Katia Siqueira de Freitas. (Orgs.). **Educação a distância no contexto brasileiro: experiências em formação inicial e formação continuada**. Salvador: ISP/UFBA, p. 73-92, 2007.
- BRASIL, Lei nº 9.394, de 23 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Leis ordinárias**. Brasília: Casa Civil da Presidência da República Federativa do Brasil/Secretaria para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 19 de Abr. 2012.
- CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura - A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e terra, 1ª v. 1999.
- COSTA, Rogério. **A cultura digital**. São Paulo: Publifolha, 3 ed, 2008.
- DELEUZE, Gille; GUATARRI, Felix. Trad. Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, vol.1, 1995.
- FACED. **Programa de Formação Continuada de Professores, município de Irecê-BA**.2003. Disponível em: <http://www.irece.faced.ufba.br/twiki/pub/UFBAIrece/WebPrograma/projeto_versao_atualizada.pdf> . Acesso em 19 de Abr. 2012.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A formação de professores diante dos desafios da cibercultura. . FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Cibercultura e formação de professores**. Horizonte: Autêntica Editora, p.57-76, 2009.

GATTI, Bernadete Angelina; BARRETO, Elba Siqueira de Sá. **Professores do Brasil: impasses e desafios**. Brasília: UNESCO, 2009.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 14ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LIMA JR, Arnaud Soares; PRETTO, Nelson De Luca. Desafios para o currículo a partir das tecnologias contemporâneas. In.: PRETTO, Nelson De Luca (Org.). **Tecnologias e novas educações**. EDUFBA, p. 203-214, 2005.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa formação**. Brasília: Liber Livro Editora, 2006.

MARQUES, Mario Osório. **Formação do Profissional da educação**. Ijuí: Ed. Unijuí, 4 ed, 2003.

PEIXOTO, Joana. Tecnologia na educação: uma questão de transformação ou formação? In.: GARCIA, Dirce Maria Falcone ; CECÍLIO, Sálua. **Formação e profissão docente em tempos digitais**. SP: Editora Alínea, p. 217-236, 2009.

SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de. CURRÍCULO E FORMAÇÃO: atualizações e experiências na construção de existências singulares. In.: SÁ, Maria Roseli Gomes Brito de; FARTES, Vera Lúcia Bueno (Orgs.). **Currículo, formação e Saberes profissionais: (re)valorização epistemológica da experiência**. Salvador: EDUFBA, p. 37-61, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do Pós-Humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2 ed, 2003.

SCHNELL, Roberta Fantin; QUARTIERO, Elisa Maria. A sociedade da informação e os novos desafios para a educação. In.: **Revista Linhas**. ópolis: Santa Catarina, v. 10, n. 02, p. 103-125, jan/jun 2009.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Economia da cultura digital. In.: SAVAZONI, Rodrigo; CONH, Sergio (Orgs.). **Cultura Digital. br**. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2009. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2009/09/cultura-digital-br.pdf>>. Acesso em: 07 de maio de 2012.

TAPSCOTT, Don. **Geração digital: crescente e irreversível ascensão da geração Net**. São Paulo: Makron Books, 1999.

TEIXEIRA, Adriano Canabarro; CAMPOS, Aline. A indissociabilidade entre inclusão digital e software livre na sociedade contemporânea: a experiência do Mutirão pela Inclusão Digital. In.: TEIXEIRA, Adriano Canabarro; MARCON, Karina (Orgs.). **Inclusão**

digital: experiências, desafios e perspectivas. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo fundo, 2009.

Data de Recebimento: 15 de setembro de 2014

Data de Aprovação: 15 de outubro de 2014

Data de Publicação: 30 de dezembro de 2014